

ATIVIDADE ECONÔMICA

Indicadores de indústria, comércio e serviços

Sumário

O crescimento do produto interno bruto (PIB) na passagem entre o quarto trimestre de 2023 e o primeiro de 2024 confirmou a aceleração no ritmo de expansão da atividade econômica no período, conforme já antecipado pelos indicadores setoriais com periodicidade mensal. Impulsionado, entre outros fatores, pelo forte dinamismo ainda presente no mercado de trabalho, que segue com aumentos tanto da população ocupada quanto do rendimento médio real, o desempenho das vendas de bens e serviços voltou a ganhar tração nos primeiros meses de 2024. O crescimento da demanda, por sua vez, tem sido um dos responsáveis pelo início de recuperação verificado na indústria de transformação. Como consequência, além do bom desempenho da produção interna, as importações seguem registrando expansão, fato também evidenciado pelo crescimento do consumo aparente (CA) de bens industriais. Já as exportações, com importante contribuição para o crescimento do PIB no ano passado, têm apresentado desempenho mais modesto em 2024.

Nesse contexto, o Monitor do PIB da Fundação Getulio Vargas (FGV), indicador que busca retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, iniciou o segundo trimestre exibindo estabilidade, com pequeno recuo de 0,1% em abril, na comparação livre de efeitos sazonais. Já na comparação interanual, o crescimento foi de 5,1%, maior variação positiva desde março de 2023. Com o resultado de abril, o efeito de *carry-over* em relação ao segundo trimestre de 2024 ficou em 0,3%. Em contrapartida, alguns fatores tornaram o ambiente econômico mais incerto. Além da recente interrupção do ciclo de flexibilização da política monetária, os efeitos deletérios sobre o nível de atividade associados à calamidade climática no Rio Grande do Sul já podem ser percebidos nos resultados de alguns indicadores referentes ao mês de maio.

Após a perda de fôlego verificada no último trimestre do ano passado, o consumo de serviços voltou a acelerar em 2024, mantendo-se como o principal *driver* da economia brasileira. A resiliência do mercado de trabalho, embora continue sendo um importante estímulo para o desempenho do setor, suscita algumas questões importantes. O aumento dos níveis de ocupação tem acontecido com mais intensidade em segmentos com baixa produtividade, caracterizados como intensivos em mão de obra, como é o caso dos serviços prestados às famílias. Num cenário em que as taxas de desocupação seguem em mínimas históricas, a oferta de empregos pode se tornar insuficiente, gerando aumentos de custos e possivelmente de preços. Outro fator de risco para o setor diz respeito à trajetória da inflação de alimentos, cujo peso no orçamento das famílias pode afetar a demanda por serviços. Segundo a Pesquisa Men-

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 1 de julho de 2024.

sal de Serviços (PMS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a receita real do setor cresceu 0,5% em abril, já descontados os efeitos da sazonalidade. Em relação a maio, tendo por base os últimos dados disponíveis, a Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea) estima mais um bom resultado, com alta de 1,0% na comparação dessazonalizada e de 4,0% na comparação interanual.

Assim como a demanda por serviços, o comércio de bens exibiu um ritmo de crescimento acelerado ao longo dos primeiros quatro meses do ano. Além dos ganhos reais provenientes do rendimento do trabalho, as diversas políticas de transferência de renda implementadas pelo governo explicam grande parte deste desempenho. Além disso, com exceção dos preços de alimentos, os índices de preço relacionados ao comércio de bens continuam bem-comportados. Em contrapartida, o orçamento familiar segue enfrentando algumas restrições. Além do custo do crédito, o comprometimento da renda das famílias com serviços de dívidas passadas permanece em patamares elevados. Nesse contexto, a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE indicou alguma acomodação em abril, com recuo de 1,0% na margem. Todavia, excluindo as vendas de autoveículos, materiais de construção e o atacado de alimentos, o comércio varejista cresceu 0,9%, na mesma base de comparação. Em termos anuais, o resultado foi positivo em ambos os agregados, com altas de 4,9% e 2,2%, respectivamente. Para maio, a Dimac/Ipea espera estabilidade na margem, com alta de 2,8% contra maio de 2023.

Por fim, após encerrar os últimos dois anos acumulando quedas, a indústria de transformação dá indícios de recuperação no primeiro quadrimestre de 2024. Entre os grandes grupos econômicos, estimulados pelo aquecimento da demanda interna e por alguma folga no aperto monetário, as produções de bens de capital e de bens de consumo duráveis são os destaques positivos. Como consequência, as importações seguem registrando expansão, fato também evidenciado pelo crescimento do CA de bens industriais. Já os setores exportadores exibem comportamento mais modesto, com menor estímulo da agropecuária. Entre os fatores condicionantes, verifica-se que, se por um lado a indústria parece ter encerrado o processo de ajustamento de estoques, por outro lado, a trajetória de preços ao produtor saiu da zona de deflação e já apresenta crescimento. Em abril, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), a indústria recuou 0,5% na margem, com alta de 8,4% na comparação interanual. Enquanto o setor extrativo caiu 3,4%, o setor manufatureiro cresceu pelo sétimo mês consecutivo, com alta de 0,3%. Em relação a maio, contudo, alguns setores já exibem o impacto negativo das enchentes ocorridas no estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, o setor automotivo. Neste contexto, estimamos estabilidade na margem para a indústria geral, e queda de 1,0% para o setor manufatureiro, ambas na comparação dessazonalizada.

Com relação às pesquisas qualitativas, o Índice de Confiança Empresarial (ICE), calculado no âmbito das sondagens setoriais da FGV, atingiu o patamar de 95,8 pontos em maio. O resultado representou estabilidade, com pequeno avanço de 0,2 ponto sobre o patamar de abril, na série dessazonalizada. Entre os setores, porém, o resultado foi heterogêneo. Enquanto o nível médio de confiança dos empresários da indústria de transformação e da construção manteve-se resiliente, os empresários dos setores de serviços e do comércio indicaram alguma piora. O destaque negativo ficou por conta do comércio, que registrou queda de 4,0 pontos na margem, mesma queda apresentada na confiança dos consumidores. Já a Confederação Nacional da Indústria (CNI), por meio da pesquisa Sondagem Industrial, aponta para um enfraquecimento do setor no mês de maio, influenciado pelo desastre climático no Rio Grande do Sul. Além disso, ainda de acordo com a CNI, o índice que mede a intenção de investimento aumentou 0,5 ponto entre junho e maio. Por fim, segundo o Índice dos Gerentes de Compras (Purchasing Managers' Index – PMI), calculado pela IHS Markit, o ritmo da atividade econômica em maio permaneceu na zona que indica crescimento, embora a atividade na indústria tenha perdido fôlego.

1 Resultados gerais

O crescimento do PIB na passagem entre o quarto trimestre de 2023 e o primeiro de 2024 confirmou a aceleração no ritmo de expansão da atividade econômica no período, conforme já antecipado pelos indicadores setoriais com periodicidade mensal. Em linhas gerais, o cenário se manteve nos primeiros meses do segundo trimestre, com alguma incerteza devido aos efeitos do desastre climático no Sul. Todos os principais indicadores analisados registraram crescimento na comparação interanual em abril, resultado que também ocorreu no acumulado do primeiro quadrimestre. A análise em médias móveis trimestrais, todavia, aponta alguma heterogeneidade no ritmo de crescimento dessazonalizado ao longo do ano. A produção industrial, segundo a PIM-PF, após avançar a uma taxa média de 1,1% no primeiro bimestre, registrou acentuada desaceleração nos dois meses seguintes (0,2%). O resultado até o mês de abril deixa um *carry-over* também de 0,2% para o segundo trimestre. Entre as classes de produção, esta perda de tração se explica pelo fraco desempenho das indústrias extrativas, que, após um forte crescimento em janeiro, acumularam retração nos meses seguintes. Já o segmento da transformação, em contrapartida, registrou aceleração ao longo de todo o período. Como consequência, tanto o Indicador Ipea de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) quanto o Indicador Ipea de Consumo Aparente de Bens Industriais registram desempenho similar (tabela 1).

Já o comércio varejista (conceito ampliado), de acordo com a PMC, apresentou forte aceleração nas taxas de crescimento em média móvel ao longo do primeiro trimestre, e pequena perda de fôlego em abril. Com isso, o *carry-over* para o segundo trimestre ficou negativo em 0,8%. O varejo restrito, mais influenciado pela renda, registrou trajetória de aceleração em todo o quadrimestre, acumulando uma alta de 4,3% na margem no ano. Por fim, segundo a PMS, a receita real de serviços apresentou um ritmo regular de crescimento ao longo dos primeiros quatro meses de 2024, com alguma desaceleração na média móvel de abril. Com isso, o setor inicia o segundo trimestre com um *carry-over* de 0,7%.

TABELA 1
Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado					Contra igual período do ano anterior					Acumulado			
	Trim. móvel Jan./24	Trim. móvel Fev./24	Trim. móvel Mar./24	Trim. móvel Abr./24	Carry-over (T2/24)	Trim. móvel Jan./24	Trim. móvel Fev./24	Trim. móvel Mar./24	Trim. móvel Abr./24	Carry-over (T2/24)	No ano (interanual)	No ano (margem)	Em 12 meses	Carry-over (2024)
PIB IBGE			0,8					2,5			2,5	0,8	2,9	1,2
IBC-Br	0,8	1,3	1,2	0,8	-0,1	2,4	2,6	1,4	1,6	2,2	2,1	0,6	1,8	1,5
Monitor do PIB	1,3	1,5	1,5	1,1	0,3	3,0	3,3	2,5	2,8	2,9	3,1	1,1	2,7	2,3
PIM-PF	1,2	1,0	0,2	0,2	0,2	2,0	3,3	1,9	3,5	3,7	3,5	-0,6	1,5	1,9
Transformação	0,5	0,9	1,1	1,4	1,0	0,0	2,1	1,4	3,8	5,2	3,6	1,8	0,6	2,9
Extrativas	4,9	0,3	-4,5	-5,7	-3,6	13,1	10,1	4,6	1,7	-3,5	3,0	-11,0	7,1	-2,7
PMC ampliado	1,3	1,4	2,5	1,7	-0,8	3,6	5,0	4,6	4,0	3,4	4,7	2,2	3,3	3,0
PMC restrito	0,4	0,9	2,3	2,5	1,4	2,5	4,1	5,9	5,2	4,1	4,9	4,3	2,7	4,3
PMS	0,8	0,8	0,6	0,2	0,7	0,7	1,2	1,2	1,8	2,6	2,3	0,8	1,6	1,5
FBCF - Ipea	2,0	3,0	4,1	4,5	3,2	-1,0	2,8	2,7	6,3	8,4	5,9	6,5	-1,2	6,7
CA IND - Ipea	0,8	1,5	2,3	2,1	-0,2	0,9	2,4	3,3	4,4	3,0	4,2	0,9	-0,2	2,6

Fonte: IBGE, FGV e Ipea.

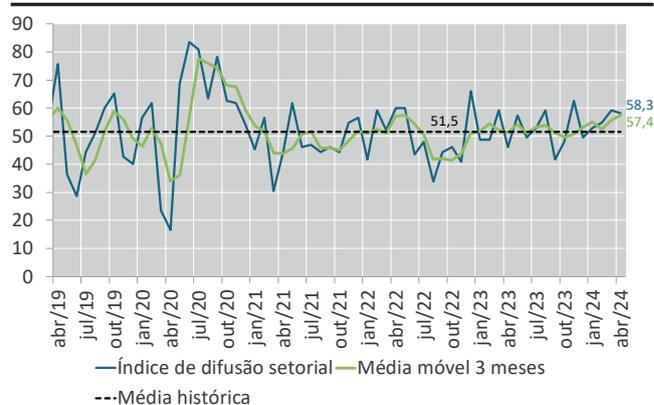
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O comportamento dos indicadores que buscam resumir a atividade econômica brasileira apresentou resultado similar no primeiro quadrimestre. Tanto o Monitor do PIB, da FGV, quanto o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) registraram um ritmo de crescimento bastante regular no primeiro quadrimestre, com pequena desaceleração no mês de abril. Ainda em termos agregados, o indicador de difusão calculado pelo Ipea se manteve em um nível acima de sua média histórica, situada em 51,5%. Em abril, 58,3% dos segmentos

utilizados registraram variação positiva, em comparação com 59,1% no período anterior. Com base na análise em médias móveis de três meses, o indicador de difusão atingiu 57,4% em abril, resultado que representou o segundo aumento consecutivo na margem (gráfico 1).

Em relação aos resultados referentes a maio, com base nas informações disponíveis até o momento, a Dimac/Ipea projeta um desempenho heterogêneo entre os setores. A produção industrial deve apresentar queda de 0,1% em maio, na série sem efeitos sazonais, influenciada em grande medida pelo recuo da transformação, em que alguns setores já registraram efeitos das enchentes no Sul. O setor de serviços, por sua vez, deve apresentar avanço de 1,0% na margem, com uma contribuição positiva do segmento de serviços prestados às famílias. Para o setor de comércio, estamos prevendo estabilidade na margem para as vendas no conceito ampliado e uma acomodação para o varejo restrito, com queda de 1,0%.

GRÁFICO 1
Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial¹ (abr./2019-abr./2024)
 (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: ¹ O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de 113 segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

TABELA 2
Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para fevereiro de 2024
 (Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Fev./24	Mar./24	Abr./24	Previsão Dimac/Ipea - Maio/24	Fev./24	Mar./24	Abr./24	Previsão Dimac/Ipea - Maio/24
Produção Industrial	0,1	0,9	-0,5	-0,1	5,5	-2,8	8,4	0,7
Comércio Varejista (ampliado)	1,0	-0,2	-1,0	0,0	9,7	-1,5	4,9	2,8
Comércio Varejista (restrito)	1,0	0,3	0,9	-1,5	8,1	5,7	2,2	2,4
Serviços	-0,9	0,7	0,5	1,0	2,2	-2,2	5,6	4,0

Fonte: IBGE e Ipea.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Indústria

Em abril, de acordo com a PIM-PF/IBGE, a indústria recuou 0,5% na margem, com alta de 8,4% na comparação interanual. O desempenho acumulado no primeiro quadrimestre é positivo, com alta de 3,5% sobre o mesmo período de 2024 (tabela 3). A análise por médias móveis trimestrais dessazonalizadas, todavia, aponta para uma desaceleração nos meses de março e abril. Essa perda de tração se explica pelo fraco desempenho das indústrias extrativas, que, após um forte crescimento em janeiro, acumularam quedas nos meses seguintes. Já o segmento da transformação registrou aceleração ao longo de todo o período, confirmando o início de recuperação iniciado no último trimestre de 2024. Entre os grandes grupos econômicos, estimulados pelo aquecimento da demanda interna e por alguma folga no aperto monetário, a produção de bens de capital e de bens de consumo duráveis é o destaque positivo. Tendo por base a comparação do acumulado no ano, os segmentos registraram crescimento, seja em termos interanuais, seja em termos dessazonalizados (gráfico 2). A análise segundo a classificação por setor de destino corrobora o crescimento da demanda por bens de capital para fins industriais, que acumulou alta de 4,0% no primeiro quadrimestre, em termos dessazonalizados (gráfico 3). Como consequência, as importações seguem registrando expansão, fato também evidenciado pelo crescimento do CA

de bens industriais. Já os setores exportadores exibem comportamento mais modesto, com menor estímulo da agropecuária e das indústrias extrativas.

TABELA 3

Produção industrial e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado					Contra igual período do ano anterior				Acumulado		
	Fev./24	Mar./24	Abr./24	Trim. ¹	Carry-over 1º Trim.	Fev./24	Mar./24	Abr./24	Trim. ¹	No ano (dessaz.)	No ano (YoY)	Em doze meses
Geral	0,1	0,9	-0,5	0,2	0,2	5,5	-2,8	8,4	3,5	-0,6	3,5	1,5
Classes												
Indústrias Extrativas	-1,3	0,4	-3,4	-5,7	-3,6	5,3	1,6	-1,6	1,7	-11,0	3,0	7,1
Transformação	0,5	0,8	0,3	1,4	1,0	5,5	-3,6	10,3	3,8	1,8	3,6	0,6
Grupos Econômicos												
Capital	2,2	-0,4	3,5	9,9	3,9	6,5	-10,4	25,5	5,6	17,2	4,7	-7,8
Intermediários	-0,8	1,1	-1,2	-1,8	-0,8	5,6	-1,4	4,6	2,8	-3,7	3,2	2,1
Consumo	1,5	0,5	0,2	1,8	1,1	5,6	-3,6	13,5	4,9	1,4	4,5	2,5
Duráveis	3,7	-3,4	5,6	6,5	4,4	9,2	-6,4	25,8	8,4	7,5	6,7	1,4
Semi e Não-Duráveis	0,6	0,9	0,1	1,0	0,9	5,0	-3,1	11,5	4,3	1,4	4,1	2,6
Insumos da Construção Civil	-0,6	1,8	0,0	2,0	1,0	5,8	-2,9	11,3	4,4	2,9	4,5	0,3

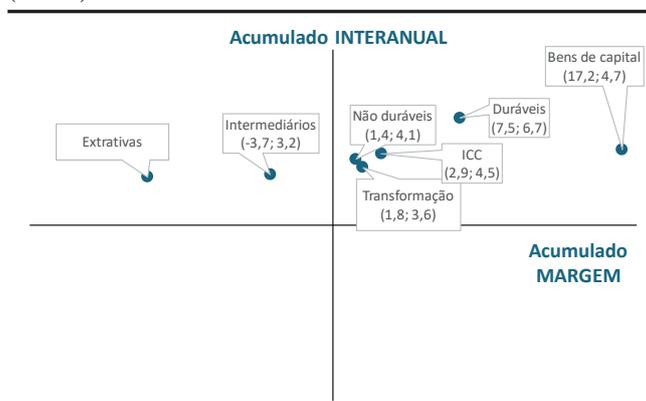
Fonte: PIM-PF/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

GRÁFICO 2

Produção industrial e grandes grupos econômicos: taxas de crescimento acumuladas no ano
(Em %)



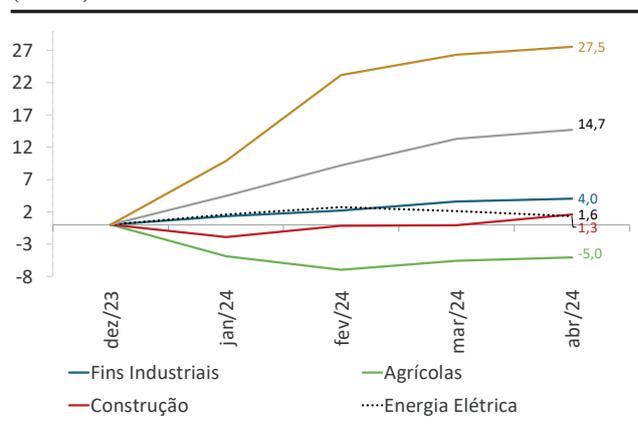
Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.: 1. A comparação acumulada na margem é calculada a partir das taxas mensais dessazonalizadas em entre os meses de janeiro e abril.

GRÁFICO 2

Demanda setorial por bens de capital: médias móveis trimestrais (taxas de crescimento dessazonalizadas)
(Em %)



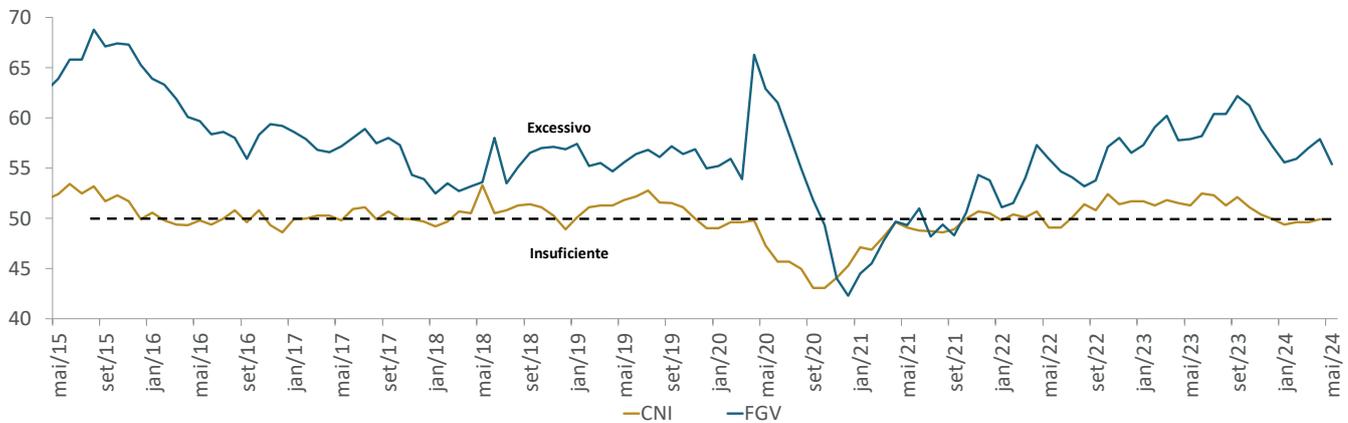
Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação aos fatores condicionantes, se, por um lado, a indústria parece ter encerrado o processo de ajustamento de estoques, por outro, a trajetória de alguns preços ao produtor saiu da zona de deflação e já apresenta crescimento. Segundo as sondagens industriais da FGV e da CNI, após permanecer em níveis considerados excessivos desde 2022, a indústria de transformação vem desacumulando estoques desde o segundo semestre de 2024. De acordo com a CNI, particularmente, já estariam em níveis planejados desde janeiro de 2024 (gráfico 5). Em relação aos custos, o Índice de Preços ao Atacado (IPA), da FGV, registrou crescimento de 0,3% no preço dos bens intermediários no acumulado do ano até maio de 2024. Já os produtos pertencentes ao grupo matérias-primas brutas ainda apresentou deflação (-1,4%) na mesma base de comparação.

GRÁFICO 3

Produção industrial: transformação – nível de estoques acumulados
(Em pontos)



Fonte: FGV e CNI.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4

Índice de Preços ao Atacado: taxas de variação acumuladas
(Em %)

	Jun./22-Mai./23	Jun./23-Mai./24
IPA - todos os itens	-8,9	-0,2
Bens finais	0,4	0,3
Bens de consumo duráveis	4,0	0,9
Alimentação	0,0	0,1
Combustíveis	-24,2	-7,8
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	7,3	3,2
Bens de investimento	6,0	0,6
Bens intermediários	-10,4	0,3
Materiais e componentes para a manufatura	-7,5	-0,5
Embalagens	5,9	-0,1
Suprimentos	-23,5	-5,7
Matérias-primas brutas	-15,4	-1,4
Mat. Primas brutas agropecuárias	-15,1	-3,6
Minerais	-16,5	6,1

Fonte: FGV.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para maio, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha recuado 0,1% na comparação com o mês imediatamente anterior, na série sem efeitos sazonais, com alta de 0,7% ante maio de 2023 (tabelas 5A e 5B). O resultado na margem contou com uma contribuição positiva das indústrias extrativas, que estimamos terem avançado 4,9% em maio. Já a indústria de transformação deve registrar queda de 1,0% na mesma comparação. Entre os segmentos com peso relevante, os destaques negativos seriam os segmentos veículos automotores e produtos alimentícios, com quedas previstas de 16,2% e 4,0%, respectivamente. Ambos os setores têm relevância no parque industrial do Rio Grande do Sul e já devem ter sido afetados pelas enchentes na região.

TABELA 5

Indústria e setores produtivos: desempenho recente e previsão para maio de 2024

(Em %)

5A – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió
Indústria geral	1,2	-1,2	0,1	0,9	-0,5	-0,1
Indústrias extrativas	3,7	-7,1	-1,3	0,4	-3,4	4,9
Indústrias de transformação	0,5	0,1	0,5	0,8	0,3	-1,0
Alimentos	4,0	-4,6	0,2	1,1	-0,6	-4,0
Têxtil	-1,0	-5,4	3,9	4,6	-2,8	-2,0
Vestuário	14,2	-6,6	2,3	-4,4	5,3	4,2
Couro e calçados	3,6	5,5	2,3	-5,7	4,9	-16,5
Celulose e papel	1,1	0,6	5,7	-2,7	0,6	-1,2
Derivados de petróleo e biocomb.	-2,7	-0,1	-0,2	-0,8	-0,6	0,4
Químicos	-5,8	5,2	-1,8	-1,9	2,2	1,7
Farmacêuticos	-6,7	15,3	-5,1	0,6	10,8	-3,9
Borracha e plásticos	0,3	1,0	4,1	-1,9	-1,2	1,0
Minerais não-metálicos	-0,9	0,7	4,2	-2,7	2,4	-3,3
Metalurgia	-1,5	1,6	0,1	-2,5	1,4	-1,0
Metais	3,7	-1,0	2,2	-2,6	1,3	2,2
Informática e eletrônicos	14,0	13,9	6,7	-9,7	-2,6	-1,2
Máquinas e materiais elétricos	3,7	4,0	3,5	-1,9	9,0	-5,1
Máquinas e equipamentos	-3,7	9,9	0,6	-3,3	5,1	-3,3
Veículos automotores	3,0	4,4	6,5	-4,6	13,2	-16,2
Outros equipamentos de transporte	6,2	0,4	1,9	-1,0	5,3	-4,5
Outros produtos	6,8	2,8	0,2	-11,0	25,1	-3,9
Insumos construção civil	1,0	1,6	-0,6	1,8	0,0	-6,6

<= -16,5	< -9,6	< -2,6	< 4,3	< 11,2	>= 18,2
----------	--------	--------	-------	--------	---------

5B – Variação ante mesmo período do ano anterior

	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió
Indústria geral	0,9	3,7	5,5	-2,8	8,4	0,7
Indústrias extrativas	17,5	6,9	5,3	1,6	-1,6	1,7
Indústrias de transformação	-2,3	3,1	5,5	-3,6	10,3	0,5
Alimentos	1,2	4,2	8,5	-1,2	14,4	1,3
Têxtil	2,6	-2,0	4,6	-5,0	12,7	-5,6
Vestuário	6,5	-3,7	0,9	-11,3	16,4	10,4
Couro e calçados	2,0	10,2	12,1	-7,9	15,1	-21,2
Celulose e papel	-1,5	0,2	8,2	4,2	5,0	2,1
Derivados de petróleo e biocomb.	8,0	9,3	8,2	2,8	0,7	-3,2
Químicos	-7,9	2,0	1,4	-8,1	5,7	2,8
Farmacêuticos	-42,4	-17,2	-18,2	-15,5	-5,1	-0,9
Borracha e plásticos	2,6	1,8	7,6	0,7	8,0	4,6
Minerais não-metálicos	1,0	0,0	5,9	-2,5	9,9	-0,1
Metalurgia	-1,7	3,3	0,7	-3,1	-0,4	-4,0
Metais	-3,6	-1,1	3,0	-5,3	14,1	5,0
Informática e eletrônicos	-9,6	15,3	18,7	-10,7	10,5	-1,9
Máquinas e materiais elétricos	-6,1	2,9	12,3	-0,9	31,3	11,7
Máquinas e equipamentos	-12,5	-1,4	0,1	-15,0	15,8	-4,1
Veículos automotores	-11,6	-0,1	9,4	-6,4	31,6	-7,7
Outros equipamentos de transporte	10,6	4,8	9,7	7,7	30,7	4,6
Outros produtos	3,5	-4,5	-4,2	-13,1	9,8	-10,1
Insumos construção civil	2,0	4,6	5,8	-2,9	11,3	-4,6

<= -42,4	< -30,1	< -17,7	< -5,4	< 6,9	>= 19,3
----------	---------	---------	--------	-------	---------

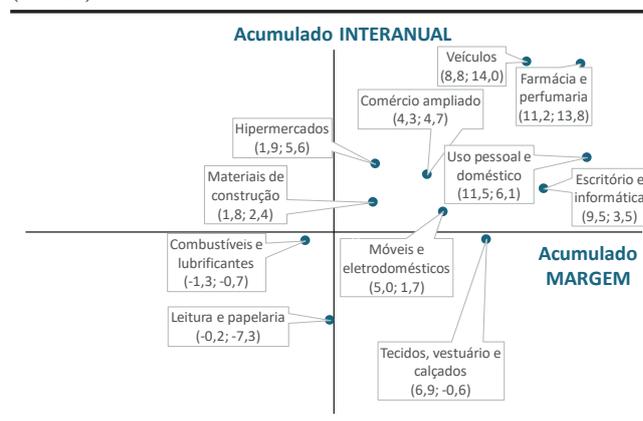
Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

O comércio de bens exibiu um ritmo de crescimento acelerado ao longo dos primeiros quatro meses de 2024. Além dos ganhos reais provenientes do rendimento do trabalho, as diversas políticas de transferência de renda implementadas pelo governo explicam grande parte desse desempenho. Além disso, com exceção do preço de alimentos, os índices de preço relacionados ao comércio de bens continuam bem-comportados. Em contrapartida, o orçamento familiar segue enfrentando algumas restrições. Além do custo do crédito, o comprometimento da renda das famílias com serviços de dívidas passadas permanece em patamares elevados. Nesse contexto, a PMC/IBGE indicou alguma acomodação em abril, com recuo de 1,0% na margem. Todavia, excluindo as vendas de autoveículos, os materiais de construção e o atacado de alimentos, o comércio varejista cresceu 0,9%, na mesma base de comparação. Em termos anuais, o resultado foi positivo em ambos os agregados, com altas de 4,9% e 2,2%, respectivamente (tabela 6). A perda de fôlego em abril também foi captada na análise em médias móveis trimestrais, que registrou pequena desaceleração após o forte crescimento ao longo do primeiro trimestre. Já o varejo restrito, mais influenciado pela renda, manteve trajetória de aceleração em todo o quadrimestre, acumulando uma alta de 4,9% na margem no ano. Entre os segmentos, a grande maioria registrou crescimento na comparação acumulada no ano, tanto em termos interanuais quanto na margem, com destaque positivo para as vendas de autoveículos, farmácia e perfumaria e material de escritório e informática (gráfico 5).

GRÁFICO 5
Comércio varejista: segmentos – taxas de crescimento acumuladas no ano
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 6
Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado		
	Fev./24	Mar./24	Abr./24	Trim. ¹	Carry-over 2º trim.	Fev./24	Mar./24	Abr./24	Trim. ¹	No ano (dessaz.)	No ano (YoY)	Em doze meses
Comércio varejista ampliado²	1,0	-0,2	-1,0	2,5	0,3	9,7	-1,5	4,9	4,6	4,3	4,7	3,3
Comércio varejista restrito	1,0	0,3	0,9	2,3	0,2	8,1	5,7	2,2	5,9	2,2	4,9	2,7
1. Combustíveis e lubrificantes	-2,6	-0,5	2,2	-1,1	-1,3	-0,2	-4,9	1,8	-1,6	-1,3	-0,7	-1,0
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-0,1	-0,2	1,5	1,1	-0,3	9,4	8,6	-1,3	8,0	1,9	5,6	4,6
2.1 Hipermercados e supermercados	0,1	-0,9	2,2	1,2	-0,9	10,0	9,5	-1,1	8,7	2,4	6,1	4,9
3. Tecidos, vestuário e calçados	0,2	-0,5	-0,7	3,9	-0,2	-0,5	-0,9	-1,5	-0,3	6,9	-0,6	-3,0
4. Móveis e eletrodomésticos	0,4	-1,9	2,4	0,3	-1,2	2,6	-4,4	8,0	-0,3	5,0	1,7	1,9
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	10,1	1,5	0,6	5,7	4,0	18,5	11,4	18,9	12,2	11,2	13,8	9,0
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	4,0	-0,5	-0,4	-3,2	0,5	-4,8	-14,6	2,4	-9,0	-0,2	-7,3	-8,0
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,0	-10,1	14,2	-1,1	-5,9	10,7	-12,0	16,1	-0,1	9,5	3,5	2,4
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	3,0	0,4	0,0	6,8	1,0	9,9	13,1	4,6	6,6	11,5	6,1	-5,4
9. Veículos, motos, partes e peças	3,9	-0,9	1,6	4,9	0,3	16,6	1,7	28,8	9,4	8,8	14,0	11,6
10. Materiais de construção	-0,1	-0,1	1,9	0,6	-0,4	5,0	-9,5	16,3	-1,8	1,8	2,4	0,3
11. Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-	-	-	-	-	10,9	-22,9	-13,0	-2,1	-	3,1	0,9

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

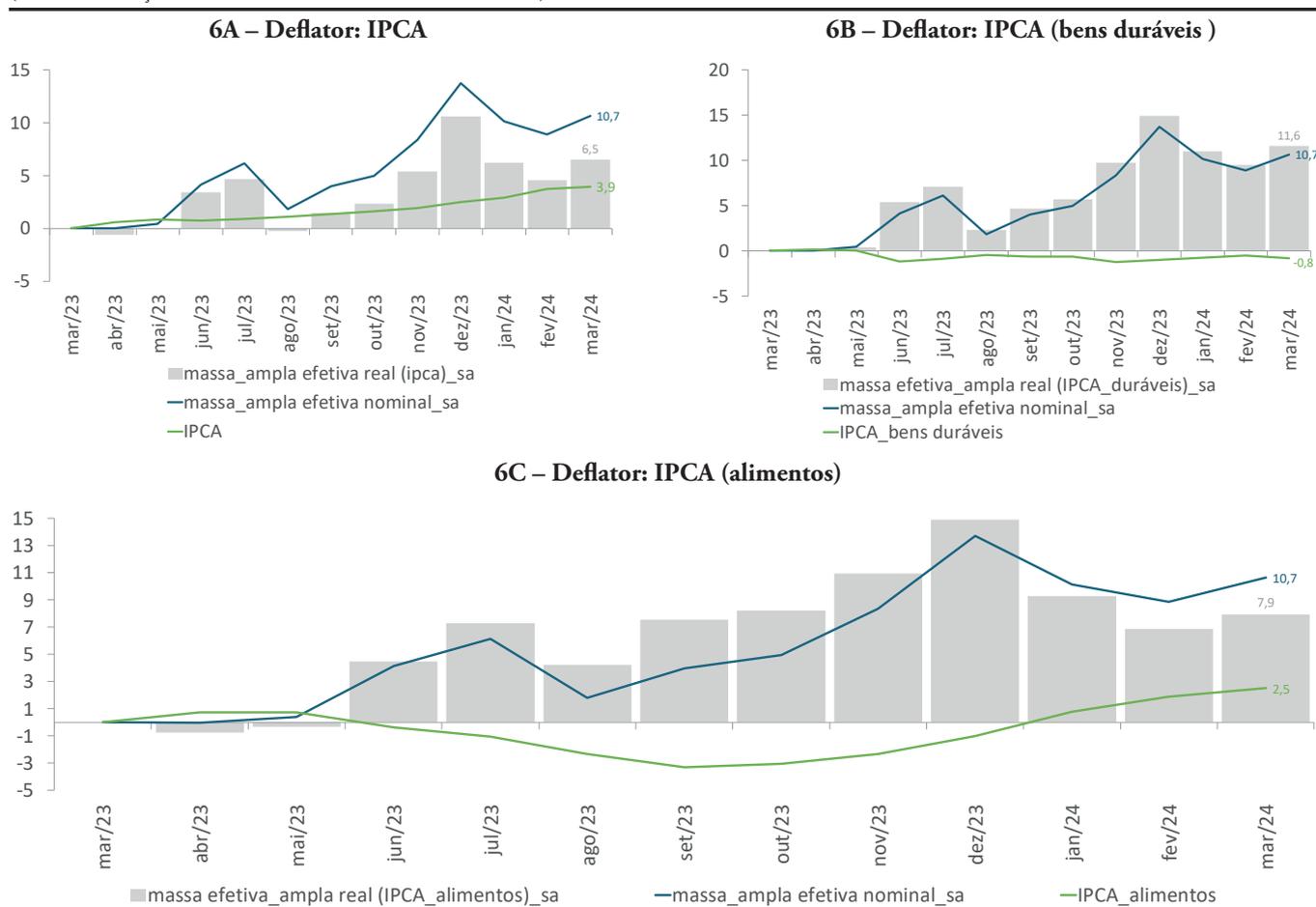
³ O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

Por trás dessa trajetória positiva nas vendas do comércio varejista, a massa ampliada efetiva real de rendimentos calculada pelo Ipea segue registrando crescimento, estimulando, sobretudo, o consumo de bens semi e não duráveis. Utilizando como deflator o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), tendo por base a variação acumulada na margem nos últimos doze meses até março, a massa ampliada acumulou crescimento de 10,7% em termos nominais, contra uma expansão de 3,9% do IPCA, garantindo, assim, alta de 6,5% em termos reais no período (gráfico 6A). Quando utilizamos como deflator os bens duráveis, o cenário é ainda mais benigno. Ao longo dos últimos doze meses até março, os preços desse grupo acumularam deflação de 0,8%, refletindo um ganho de 11,6% no poder de compra da massa ampliada real (gráfico 6B). Por fim, utilizando como deflator a inflação do grupo alimentos, o cenário é menos benigno, mas, ainda assim, os ganhos em termos reais da massa foram de 7,9% até março (gráfico 6C).

GRÁFICO 6

Massa ampliada real e seus componentes (mar./2023-mar./2024)¹

(Em %, variação acumulada – séries dessazonalizadas)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: 1 Base: março de 2023 igual a zero.

Em relação a maio, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera estabilidade na margem e alta de 2,8% na comparação interanual para o volume de vendas no varejo ampliado. No conceito de varejo restrito, esperamos um quadro de acomodação na margem, com recuo de 1,0% (tabela 7A), e alta de 2,4% sobre maio de 2023 (tabela 7B). Entre os segmentos com maior peso, os destaques negativos na margem foram as vendas em hipermercados (-1,0%), materiais de construção (-2,3%) e veículos (-3,1%), como mostra a tabela 7A.

TABELA 7

Comércio varejista: desempenho recente e previsão para maio de 2024

(Em %)

7A – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
Varejo ampliado	-1,3	2,3	1,0	-0,2	-1,0	0,0
Varejo restrito	-1,0	2,1	1,0	0,3	0,9	-1,0
Combustíveis e lubrificantes	1,2	-0,3	-2,6	-0,5	2,2	-4,4
Hiper e supermercados	0,7	0,7	-0,1	-0,2	1,5	-1,0
Tecidos, vestuário e calçados	-6,8	8,1	0,2	-0,5	-0,7	2,6
Móveis e eletrodomésticos	-7,5	4,1	0,4	-1,9	2,4	1,0
Artigos farmacêuticos e perfumaria	-0,6	-1,0	10,1	1,5	0,6	-0,8
Veículos, motocicletas, partes e peças	-4,0	4,0	3,9	-0,9	1,6	-3,1
Material de construção	0,8	0,0	-0,1	-0,1	1,9	-2,3
	<= -7,5	< -4,6	< -1,6	< 1,3	< 4,3	>= 7,2

7B – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
Varejo ampliado	0,1	6,8	9,7	-1,5	4,9	2,8
Varejo restrito	1,3	4,0	8,1	5,7	2,2	2,4
Combustíveis e lubrificantes	0,1	0,8	-0,2	-4,9	1,8	-5,4
Hiper e supermercados	5,4	6,1	9,4	8,6	-1,3	2,8
Tecidos, vestuário e calçados	0,6	0,5	-0,5	-0,9	-1,5	4,3
Móveis e eletrodomésticos	-2,3	1,5	2,6	-4,4	8,0	3,7
Artigos farmacêuticos e perfumaria	4,8	7,1	18,5	11,4	18,9	10,6
Veículos, motocicletas, partes e peças	7,4	11,9	16,6	1,7	28,8	9,0
Material de construção	-2,2	0,6	5,0	-9,5	16,3	-0,1
	<= -9,5	< -3,1	< 3,2	< 9,6	< 16,0	>= 22,4

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Serviços

Após a perda de fôlego verificada no último trimestre de 2023, o consumo de serviços voltou a acelerar em 2024, mantendo-se como o principal *driver* da economia brasileira. A resiliência do mercado de trabalho, embora continue sendo um importante estímulo para o desempenho do setor, coloca algumas questões importantes. Caracterizado por ser intensivo em mão de obra, o aumento dos níveis de ocupação tem acontecido com mais força em segmentos com baixa produtividade, como é o caso dos serviços prestados às famílias. Em um cenário no qual as taxas de desocupação seguem em mínimas históricas, a oferta de empregos pode se tornar insuficiente, gerando aumento de custos e possivelmente de preços. Outro fator de risco para o setor diz respeito à trajetória da inflação de alimentos, cujo peso no orçamento das famílias pode afetar a demanda por serviços. Todavia, o setor manteve o bom desempenho no começo do segundo trimestre. Segundo a PMS/IBGE, a receita real cresceu 0,5% em abril, já descontados os efeitos da sazonalidade. Na comparação interanual, o resultado também foi positivo, com aumento de 5,6% sobre abril de 2023 (tabela 8). Na análise em médias móveis trimestrais, a receita real de serviços apresentou um ritmo regular de crescimento ao longo dos primeiros quatro meses de 2024, com alguma desaceleração na média móvel de abril. Entre os segmentos, tomando por base as comparações acumuladas no ano, a grande maioria das atividades registrou crescimento tanto em termos interanuais quanto na margem. Os destaques positivos ficaram por conta dos serviços de tecnologia da informação e outros serviços prestados às famílias. Dentro desse mesmo grupo, as atividades de alojamento e alimentação, embora

apresentem alta interanual de 4,7%, acumularam queda de 7,4% na margem, entre janeiro e abril. O grande destaque negativo foram os serviços de armazenagem, auxiliares aos transportes e correio, com baixas nas duas métricas (gráfico 7).

TABELA 8
Serviços: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado		
	Fev./24	Mar./24	Abr./24	Trim. ¹	Carry-over 2º trim.	Fev./24	Mar./24	Abr./24	Trim. ¹	No ano (dessaz)	No ano (YoY)	Em doze meses
Total	-0,9	0,7	0,5	0,6	0,7	2,2	-2,2	5,6	1,8	0,8	2,3	1,6
1. Serviços prestados às famílias	0,0	0,5	-1,8	0,8	-1,4	5,6	7,2	3,1	5,3	-4,2	4,9	4,3
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	-0,7	-0,5	-2,3	1,1	-2,8	4,9	9,0	1,3	5,0	-7,4	4,7	4,3
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-0,9	-4,4	9,0	2,3	5,5	10,0	-2,7	14,7	6,8	6,9	6,1	3,9
2. Serviços de informação e comunicação	-2,9	4,8	0,4	1,7	2,6	4,7	4,4	7,7	5,6	3,5	5,7	3,7
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	-0,2	1,7	1,4	2,0	2,4	4,4	5,3	8,2	6,0	3,8	5,8	4,1
2.1.1 Telecomunicações	1,0	0,7	1,0	1,3	1,8	5,0	5,4	6,3	5,6	2,5	5,2	4,6
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	-1,9	5,0	0,2	3,5	2,8	3,7	5,3	10,3	6,4	7,3	6,5	3,6
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-3,0	-3,8	1,7	13,8	-1,9	7,3	-2,8	4,0	2,5	19,4	4,8	0,4
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	-2,1	4,0	-1,1	0,6	0,8	2,6	1,4	6,0	3,3	1,8	3,7	3,3
3.1 Serviços técnico-profissionais	-3,9	5,9	-1,0	5,6	1,5	7,7	7,6	6,6	7,3	11,6	8,1	4,5
3.2 Serviços administrativos e complementares	-0,1	1,1	-0,4	-0,3	0,2	-0,4	-2,4	5,6	0,9	0,4	1,0	2,3
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-0,6	0,7	1,7	0,2	2,0	-0,8	-10,3	3,4	-2,9	1,9	-1,8	-0,6
4.1 Transporte terrestre	-0,8	-0,4	2,2	-0,2	1,6	1,7	-8,1	4,0	-1,1	1,9	0,2	2,7
4.2 Transporte aquaviário	2,8	-10,2	6,8	3,0	0,3	8,1	-6,2	4,8	2,0	0,4	2,7	2,9
4.3 Transporte aéreo	5,7	0,4	18,2	2,2	20,7	-10,9	-13,4	16,1	-3,4	35,0	-5,2	0,3
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-0,7	0,4	1,5	-0,9	1,5	-4,9	-14,8	-1,9	-7,6	-2,7	-5,8	-8,3
5. Outros serviços	-0,7	0,3	5,0	0,3	4,9	3,7	-2,1	10,2	3,7	4,4	3,5	-0,7
Atividades Turísticas²	-0,9	0,2	2,3	-0,6	2,0	0,2	0,5	4,5	1,7	0,5	1,4	4,7

Fonte: PMS/IBGE.

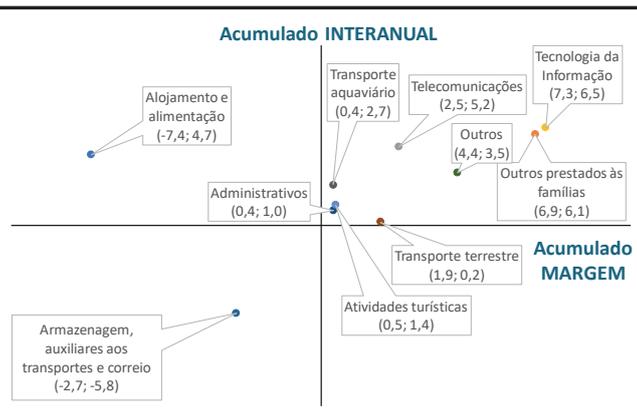
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade de turismo.

GRÁFICO 7
Serviços: segmentos – taxas de crescimento acumuladas no ano
 (Em %)

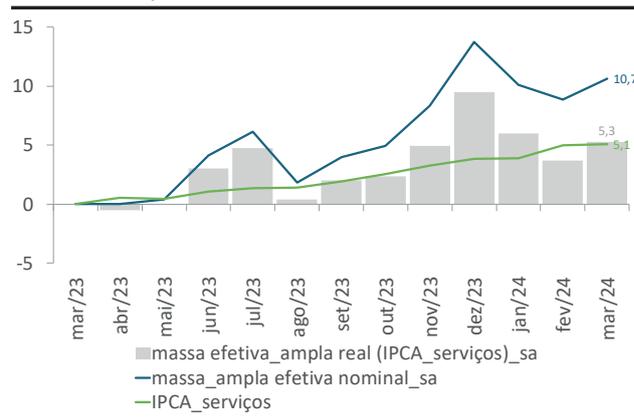


Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Embora o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables* tenha se invertido, ficando menos favorável para os preços dos serviços, o poder de compra das famílias, em termos dos serviços computados no IPCA, segue aumentando. Em março de 2024, a massa ampliada efetiva deflacionada pelo IPCA de serviços acumulou aumento de 5,3% (gráfico 8).

GRÁFICO 8
Massa salarial ampliada real e componentes: deflator IPCA, serviços (mar./2023-mar./2024)
 (Em %, variação acumulada)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.: Base: março de 2023 igual a zero.

Para maio, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS apresente alta de 1,0% na série sem efeitos sazonais, atingindo um patamar 4,0% acima do verificado no mesmo período de 2023. Entre os cinco segmentos, o destaque na margem fica por conta das atividades de serviços prestados às famílias (1,5%). Com o maior peso entre os segmentos, a maior contribuição negativa veio dos serviços de transportes e correio, com recuo de 1,9% (tabelas 9A e 9B).

TABELA 9

Serviços: desempenho recente e previsão para maio de 2024

(Em %)

9A – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
Serviços	0,5	0,4	-0,9	0,7	0,5	1,0
Serviços prestados às famílias	4,1	-3,0	0,0	0,5	-1,8	1,5
Serviços de informação e comunicação	0,7	1,2	-2,9	4,8	0,4	-1,1
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-1,4	1,0	-2,1	4,0	-1,1	0,4
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,1	0,1	-0,6	0,7	1,7	-1,9
Outros serviços	-1,1	-0,1	-0,7	0,3	5,0	-2,7

<= -3,0	< -1,7	< -0,4	< 1,0	< 2,3	>= 3,6
---------	--------	--------	-------	-------	--------

9B – Variação ante mesmo período do ano anterior

	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
Serviços	-1,8	3,8	2,2	-2,2	5,6	4,0
Serviços prestados às famílias	8,2	3,9	5,6	7,2	3,1	7,1
Serviços de informação e comunicação	3,2	6,1	4,7	4,4	7,7	3,8
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-1,1	4,9	2,6	1,4	6,0	4,0
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-6,1	1,9	-0,8	-10,3	3,4	5,0
Outros serviços	-10,8	2,8	3,7	-2,1	10,2	1,8

<= -10,8	< -7,3	< -3,8	< -0,3	< 3,2	>= 6,7
----------	--------	--------	--------	-------	--------

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

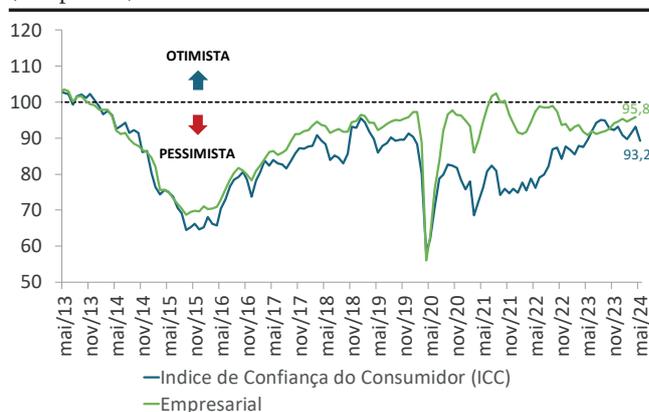
5 Confiança

Com relação às pesquisas qualitativas, o Índice de Confiança Empresarial (ICE), calculado no âmbito das sondagens setoriais da FGV, atingiu o patamar de 95,8 pontos em maio. O resultado representou estabilidade, com pequeno avanço de 0,2 ponto sobre o patamar de abril, na série dessazonalizada. Entre os setores, porém, o resultado foi heterogêneo. Enquanto o nível médio de confiança dos empresários da indústria de transformação e da construção manteve-se resiliente, os empresários dos setores de serviços e do comércio indicaram alguma piora. O destaque negativo foi o comércio, que registrou queda de 4,0 pontos na margem, mesmo valor apresentado na confiança dos consumidores. Já a CNI, por meio da pesquisa Sondagem Industrial, aponta para um enfraquecimento do setor em maio, influenciado pelo desastre climático no Rio Grande do Sul. Além

GRÁFICO 9

Indicadores de confiança: empresários versus consumidores – séries dessazonalizadas (maio/2013-maio/2024)

(Em pontos)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

disso, ainda de acordo com a CNI, o índice que mede a intenção de investimento aumentou 0,5 ponto entre junho e maio. Por fim, segundo o PMI, calculado pela IHS Markit, o ritmo da atividade econômica em maio permaneceu na zona que indica crescimento, embora a atividade na indústria tenha perdido fôlego.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora y Araujo
Sandro Sacchet de Carvalho
Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Cristiano da Costa Silva
Debora Mesquita Pimentel
Felipe dos Santos Martins
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão
Beatriz de Luna Barreto
Caio Rodrigues Gomes Leite
Diego Ferreira
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Marcelo Guedes Peclý
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Equipe de Administrativa:

Amanda Fernandes Tatagiba
Lidiane Santos de Souza
Aline Conceição Santos
Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
